



Magia do Dream Team esfria clima hostil francês e seleção dos Estados Unidos conquista mais uma medalha de ouro

# Sonho americano prevalece

DANILO QUEIROZ  
Enviado especial

**P**aris — De maneira literal, um time ganha a alcunha de “dos sonhos” quando é formado por talentos individuais capazes de promoverem encanto ao se juntarem. A equipe de basquete dos Estados Unidos nos Jogos Olímpicos de Paris 2024 cumpre esse requisito. Mas em um esporte em que o mínimo faz diferença entre vitória e derrota, é preciso mais. Na batalha final pelo ouro, liderados por Stephen Curry, os norte-americanos acrescentaram fibra à receita dourada. Contra um pandemônio criado pela torcida anfitriã na Arena Bercy, venceram a França, por 98 x 87, ontem, e subiram ao topo do pódio do evento mais prestigiado do mundo pela quinta vez seguida. A Sérvia ficou com o bronze, após bater a Alemanha por 93 x 83.

Tudo em volta da Arena Bercy deixava clara a importância da final entre os donos da casa e o time com a qualidade técnica mais afiada do mundo. A segurança era ferrenha em todos os lados, inclusive, com agentes fortemente armados (principalmente na entrada da Olympic Family, os vips presentes nos Jogos). O fato complicou, até mesmo, o normalmente cômodo acesso de jornalistas ao local. Nas zonas de entrada da torcida, muitos tentavam a sorte em busca de ingressos de última hora. “Do you have tickets? I have money. Let’s talk! (Você tem entradas? Eu tenho dinheiro. Vamos conversar!)”, dizia um dos cartazes.

Todo esforço por um assento valia a pena diante do impacto de presenciar a esperada partida. A catarse do público explodiu de vez nos hinos nacionais. Tema patriótico mais ouvido em Paris durante as comemorações de ouros olímpicos, o símbolo dos Estados Unidos foi cantado alto. Mas nada se compara à La Marseillaise. De forma uníssona, os franceses contagiaram até quem não estava torcendo pelo país. Pela primeira vez nos Jogos, os astros da NBA enfrentariam um clima hostil semelhante ao encarado quando atuam fora de casa nos compromissos da liga de basquete mais importante do mundo.

Um detalhe deixou clara a ansiedade dos atletas pela final: eles não esperaram o fim dos 10 segundos de contagem regressiva no telão para colocar a bola em jogo. Com o quinteto inicial formado por Stephen Curry, LeBron James, Kevin Durant, Joel Embiid e Devin Booker, o cenário do confronto logo foi desenhado. Os Estados Unidos estavam em quadra para manter o aproveitamento positivo. A França também tem o talento da NBA inserido no DNA de jogo, liderada por nomes como Victor Wembanyama (cestinha do jogo com 26 pontos),

Aris Messinis/AFP



Pose de campeões: estrelas da NBA exibiram alto nível técnico e físico para ocupar o topo do pódio

Rudy Gobert, Nicolas Batum e Evan Fournier, além do astro do Real Madrid Guerschon Yabusele (aclamado a todo instante como “MVP” pela torcida) — mas precisava de mais para conseguir surpreender.

Na metade inicial do jogo, os franceses fizeram uso da torcida para forçar um clima incômodo em quadra para os Estados Unidos. Os donos da casa chegaram, até mesmo, a tomar a frente do placar em alguns momentos. Mas a mão afiada de Devin Booker e o dia de garçom de Stephen Curry (ele ainda foi o maior pontuador americano, com 24 pontos), além da luta dos norte-americanos por cada bola dividida e das jogadas plásticas, ajudaram os favoritos a construir uma vantagem no placar. Os cinco pontos a mais do primeiro quarto e os três do segundo valeram para ir aos vestiários vencendo por 49 x 41.

O alto aproveitamento norte-americano na volta do descanso indicava a construção de uma vantagem mais confortável. Mas os franceses dificultavam e se recusavam a ficar muito atrás sob os incessantes gritos ‘Allez les Bleus’. A vitória por 25 x 23 na parcial e o 72 x 66 contra no geral permitia sonhar. O Dream Team, porém, não perdeu o controle do confronto em nenhum momento. As pontes aéreas, as bolas de três e as enterradas freavam qualquer tentativa de avanço francês. No fim, a esperada vitória estava concretizada. Mas ganhar diante de um adversário tão combativo e com recurso

da força da arquibancada deu um toque especial a um ouro esperado.

Com a conquista em Paris-2024, o impressionante domínio dos Estados Unidos no basquete masculino viveu mais um capítulo de soberania. Nas últimas cinco edições, os astros da liga mais badalada do mundo subiram ao topo do pódio. No total, são 17 títulos em 21 edições de Jogos Olímpicos. Apenas Argentina (Atenas-2004), União Soviética (Seul-1988 e Munique-1978) e Iugoslávia (Moscou-1980, quando os criadores do esporte boicotaram a disputa) surpreenderam os favoritos. Em Los Angeles-2028, os donos da casa seguirão firme para se aproximar de igualar a maior sequência de ouros construída desde a implementação do esporte no programa, em Berlim-1936: sete.

## » Revanche no feminino?

Na final do torneio feminino, França e Estados Unidos voltam a se enfrentar, hoje, a partir das 10h30, também na Arena Bercy. A equipe norte-americana se classificou, na sexta-feira, para a oitava decisão olímpica consecutiva ao derrotar a Austrália por 85 x 64. As donas da casa bateram a Bélgica, por 81 x 75, na prorrogação.

Andrej Isakovitc/AFP



Tamirat Tola, que completa 33 anos hoje, venceu no atípico traçado parisiense com tempo de 2h06min26s

## Com recorde, etíope Tamirat Tola vence maratona

O etíope Tamirat Tola se tornou, ontem, campeão da maratona olímpica dos Jogos de Paris-2024, numa prova em que o queniano Eliud Kipchoge ficou logo para trás, sem chances de conquistar o terceiro ouro consecutivo, e acabou abandonando.

Tola, que completa 33 anos hoje, venceu no atípico traçado parisiense com tempo de 2h06min26s, estabelecendo um novo recorde olímpico. O belga Bashir Abdi cruzou a linha de chegada 21 segundos atrás e ficou com a medalha de prata, enquanto o bronze foi para o queniano Benson Kipruto (34 segundos atrás do vencedor).

Mas a imagem simbólica foi a de Kipchoge com muitos problemas e até andando. Ele ficou distante do pelotão da frente e abandonou a prova depois do quilômetro 30, quando tinha 8min30s de atraso em relação aos líderes. Aclamado no percurso pelos espectadores, o icônico maratonista queniano deu de presente o próprio número, tênis e meias antes de entrar no carro que retira os atletas da prova.

Kipchoge, ex-recordista mundial (2h01min09s em 2022), sonhava em ser o primeiro maratonista a emendar três ouros olímpicos, para superar o corredor da Alemanha Oriental Waldemar Cierpinski (vencedor em Montreal-1976 e Moscou-1980) e o etíope Abebe Bikila (Roma-1960 e Tóquio-1964), mas em nenhum momento esteve perto da façanha. “Foi um dia difícil. É como no boxe, você pode treinar cinco meses para uma luta e eles te nocauteiam

em dois segundos. Mas a vida continua”, disse Kipchoge, que admitiu ter sido a “pior maratona”.

Tola foi o herói da manhã ensolarada em Paris. Rapidamente, assumiu a ponta do pelotão e mostrou estar preparado para a maratona, que tinha um percurso atípico, com 436 metros de elevação. O encadeamento de subidas e descidas em Paris, passando por Versalhes, acabou afetando o desempenho dos corredores, a maioria deles acostumados a maratonas em um terreno mais plano.

Esta não é a primeira medalha olímpica de Tamirat Tola, que foi bronze nos 10.000m dos Jogos do Rio-2016. Na maratona, foi campeão no Mundial de Eugene, em 2022, e vice-campeão no Mundial de Londres, em 2017.

“Obrigado, Paris!”, disse Tola depois de cruzar a linha de chegada. “Estou muito feliz, fui campeão do mundo em 2022 e agora sou campeão olímpico. É o dia mais feliz da minha vida, esse era o meu objetivo”, comemorou.

Este ano, o etíope abandonou a maratona de Londres em abril e não terminou a prova na maratona do Mundial de Budapeste em 2023, ano em que conseguiu se recuperar vencendo a maratona de Nova York meses depois.

Com a vitória ontem na Esplanade des Invalides, Tola se torna o quarto etíope a ser campeão olímpico da maratona masculina, depois do pioneiro Abebe Bikila, com as vitórias em 1960 e 1964, Mamo Wolde (1968) e Gezahegne Abera (2000).

## Quadro de Medalhas

País	Ouro	Prata	Bronze	Total
1. China	39	27	24	90
2. Estados Unidos	38	42	42	122
3. Austrália	18	18	14	50
4. Japão	18	12	13	43
5. França	16	24	22	62
6. Grã-Bretanha	14	22	27	63
7. Coreia do Sul	13	8	9	30
8. Holanda	13	7	12	32
9. Alemanha	12	11	8	31
10. Itália	11	13	15	39
11. Canadá	9	7	11	27
12. Nova Zelândia	9	7	2	18
13. Uzbequistão	8	2	3	13
14. Hungria	5	7	6	18
15. Espanha	5	4	8	17
16. Suécia	4	4	3	11
17. Quênia	4	2	4	10
18. Noruega	4	1	3	8
19. Irlanda	4	0	3	7
<b>20. Brasil</b>	<b>3</b>	<b>7</b>	<b>10</b>	<b>20</b>
21. Ucrânia	3	5	4	12
22. Irã	3	5	2	10
23. Romênia	3	4	1	8
24. Geórgia	3	2	1	6
25. Bélgica	3	1	6	10
26. Bulgária	3	1	3	7
27. Rep. Tcheca	3	0	2	5
28. Azerbaijão	2	2	2	6
29. Cuba	2	1	5	8
30. Croácia	2	1	3	6
31. Sérvia	2	1	1	4
32. Eslovênia	2	1	0	3
33. Taiwan	2	0	5	7
34. Áustria	2	0	3	5
35. Filipinas	2	0	2	4
35. Hong Kong	2	0	2	4
37. Argélia	2	0	1	3
37. Indonésia	2	0	1	3
39. Israel	1	5	1	7
40. Polônia	1	3	5	9
41. Cazaquistão	1	3	3	7
42. África do Sul	1	3	2	6
42. Jamaica	1	3	2	6
42. Tailândia	1	3	2	6
45. Atletas Neutros*	1	3	1	5
46. Dinamarca	1	2	5	8
46. Suíça	1	2	5	8
48. Equador	1	2	2	5
49. Portugal	1	2	1	4
50. Etiópia	1	2	0	3
51. Grécia	1	1	6	8
52. Argentina	1	1	1	3
52. Bahrein	1	1	1	3
52. Egito	1	1	1	3
52. Tunísia	1	1	1	3
56. Botswana	1	1	0	2
56. Chile	1	1	0	2
56. Santa Lúcia	1	1	0	2
56. Uganda	1	1	0	2
60. República Dominicana	1	0	2	3
61. Guatemala	1	0	1	2
61. Marrocos	1	0	1	2
63. Dominica	1	0	0	1
63. Paquistão	1	0	0	1
65. Turquia	0	3	5	8
66. México	0	3	2	5
67. Armênia	0	3	1	4
68. Colômbia	0	3	0	3
69. Coreia do Norte	0	2	4	6
69. Quirguistão	0	2	4	6
71. Lituânia	0	2	2	4
72. Índia	0	1	5	6
73. Moldávia	0	1	3	4
74. Kosovo	0	1	1	2
75. Chipre	0	1	0	1
75. Fiji	0	1	0	1
75. Jordânia	0	1	0	1
75. Mongólia	0	1	0	1
75. Panamá	0	1	0	1
80. Tajiquistão	0	0	3	3
81. Granada	0	0	2	2
81. Malásia	0	0	2	2
83. Albânia	0	0	1	1
83. Cabo Verde	0	0	1	1
83. Catar	0	0	1	1
83. Costa do Marfim	0	0	1	1
83. Eslováquia	0	0	1	1
83. Peru	0	0	1	1
83. Porto Rico	0	0	1	1
83. Singapura	0	0	1	1
83. Time dos Refugiados	0	0	1	1
83. Zâmbia	0	0	1	1

\*Rússia e Belarus

## Após polêmica de gênero, Lin Yu-ting ganha ouro

A boxeadora taiwanesa Lin Yu-ting venceu, ontem, a final dos 57kg, o que faz com que as duas pugilistas que estiveram envolvidas numa polêmica de gênero nestes Jogos conquistassem a medalha de ouro nas respectivas categorias.

Lin, de 28 anos, derrotou a polonesa Julia Szeremeta, de 20, por decisão unânime no ringue da quadra central de Roland Garros, onde o público aplaudiu a vitória. A taiwanesa e a argelina Imane Khelif foram alvo de críticas ao longo do torneio por parte de algumas rivais e políticos conservadores como Donald Trump, que pediram a saída delas dos Jogos porque, no ano passado, não passaram em teste de elegibilidade de gênero no Mundial Feminino.

Um dia depois da vitória de Khelif na final dos 66kg, Lin também teve a oportunidade de conquistar o primeiro título olímpico. A alta boxeadora taiwanesa começou a luta mantendo distância de Szeremeta e aproveitando o fato de que, por ser 10 centímetros mais alta, os braços podiam alcançar a oponente a distância.

A taiwanesa levou uma ligeira vantagem no primeiro assalto o que lhe deu confiança para travar diversas trocas intensas de golpes com a jovem adversária.

A polonesa tinha a obrigação de reverter a desvantagem no último assalto e causou uma breve queda de Lin, mas a taiwanesa soube se livrar dos problemas e ficar fora do alcance de Szeremeta. Como havia ocorrido nas três lutas anteriores, Lin foi declarada vencedora pelos cinco juízes.



A atleta taiwanesa celebrou a vitória na categoria até 57kg e foi aplaudida pelos torcedores na arena



ATLETISMO



BOXE



BASQUETE